

A VOZ DO COMERCIO

QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS

IGNIS-PORTO

ASSINATURAS
(Pagamento trimestral adiantado)
CONTINENTE 6800
COLONIAS 13800
ESTRANGEIRO 28800
Numero avulso—1450
Redacção e Administração
B. Santa Catarina, 502—PORTO—(Portugal)

DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ANTONIO MARTINS DA FONSECA
REDACTOR
LICINIO A. F. DE SOUSA
EDITOR
ALBERTO FERNANDES LEAL

Toda a correspondencia deve ser dirigida
à Redacção.

OS ORIGINALS NÃO SE RESTITUEM

Comp. e imp. na Tipografia ARTHS & LETRAS
Rua Fernandes Tomás, 915—POTO

1.º ano

Pôrto, 15 de Janeiro de 1929

N.º 2

LUCA PACIOLO

Conferencia sobre Luca Paciolo, feita pelo insigne contabilista brasileiro sr. Carlos de Carvalho, por ocasião da entrega do retrato da-quele celebre mathematico à Escola de Comercio «Alvares Penteado».

Srs. Directores da Escola de Comercio «Alvares Penteado».

Um pequeno e obscuro grupo de estudiosos da moderna e nobilissima sciencia da contabilidade tem a honra insigne de offerecer a esta casa, que a vossa sabedoria dirige, o retrato do illustre frade toscano Luca Paciolo, auctor ce-lebrado do mais antigo tratado de escripturação por partidas dobradas que ainda hoje se conhece.

Não se torna necessario dizer-vos que o egregio frade da *Ordem dos Menores Franciscanos* não só dignificou a Italia, sua patria gloriosa, mas foi tambem um grande, inesquecivel bemfeitor da humanidade, a quem legou o fructo do seu vasto, legitimo e fecundo saber.

Não convirá, talvez, neste momento, falar-vos de Luca Paciolo como theologo eminente, nem tão pouco como mathematico famoso.

E' escusado trazer-vos à memória que elle foi amigo, e não só amigo, mas tambem consultor, e consultor sempre ouvido, de Leonardo da Vinci e Leon Battista Alberti.

Sabeis perfeitamente, senhores, que a sua nobre figura é a de um homem laborioso, dominado por um grande espirito de observação, que enthesourava, no seu tempo e no seu meio, os mais amplos e variados conhecimentos, fazendo, porém, sempre, da mathematica, do seu estudo e do seu ensino, a sua occupação continua e favorita.

Enthesourará os mais variados

conhecimentos,—e eis porque, trabalhando uma *Summa*, a exemplo de São Thomaz D'Aquino, que havia escripto a *Summa Theologica* (1226-1274), ou à semelhança de Pier Crescencio que deixara a *Summa Agriculturae*... (1232-1320) Paciolo, que não era guarda-livros de profissão, como foram mais tarde Pietro e Flori,—que não era *quaderniere*, como então se dizia, sahiu fóra dos confins da materia,



Mathematico insigne e primeiro expositor das partidas dobradas

objecto da sua *Summa*, e ahi dá em Veneza, no ano de 1494, esse aureo, primeiro tratado das partidas dobradas, conhecido hoje pelo nome de *Tratato dei computi e delle scritture*, pedestal sobre que se assenta, como sobre um padrão de gloria, o solido monumento que desde época remota vieram erguendo um Munoz de Escobar (1664), com o seu *De ratiociniis administratorum tractatus*, um Heeser, (1665) com o

seu *De ratiociniis reddendis earunqve revisioni loci communis*, e um Prunsterer, os quaes, já no decimo-setimo seculo, trataram com luminosa experiencia da difficilissima contabilidade de Estado, e outros trabalhadores infatigaveis, até, modernamente, encontrarem a obra de um Villa, de um Tonsig, de um Massa, de um Rossi, de um Cerboni, de um D'Alvise, de um Armuzzi, de um Kigobon, de um Fabio Bésta incomparavel, os quaes, na mesmo patria de Paciolo, elevaram a arte das contas, da simplicidade com que a expôz o frade toscano, até a dignidade de sciencia,—sciencia concreta ou de applicação.

Fóra da Italia encontrareis, senhores, dando brilho a essa sciencia, na França, um D'Audiffret, com o seu *Systema Financieiro da França*, na Allemanha um Löw, na Austria um Schrott, na Inglaterra um Dicksee, e, finalmente, no Brazil,—porque não o diremos?—nesta mesma capital, um Lavras, um Costa Sampaio, um Berlinck.

Permitti, pois, senhores, que vos digamos algumas palavras sobre Paciolo, não como mathematico, nem ainda como theologo,—mas tão sómente como auctor famoso de uma obra famosa,—de uma obra que desbravou caminho a toda essa pleiade de valentes cultores e eximios tratadistas da contabilidade, cujos nomes acabastes de ouvir.

Sabeis, senhores, que por volta do XV seculo andavam as *summas* em grande voga,—e porque andavam em grande voga, tambem Paciolo, homem de extraordinaria illustração, produz, no ano de 1494, em Veneza, uma *Summa de Arithmetica, Geometria, Proportioni et Proportionalia* e nella, na segunda distin-

ção tratado 11.º da primeira parte, isto é, na *Summa de Arithemítica*, deixa para todo sempre estampado esse primeiro tratado das partidas dobradas acolhido então com o nome de *Tractatus de computis et scripturis*.

Tem-se dito, senhores, que foi **Paciolo** o inventor das partidas dobradas. Nada mais errado.

Elle foi apenas o seu primeiro expositor, — e não só primeiro sinão também o maior de quantos nos primeiros tempos se occuparam desse método que ainda hoje não tem igual por sua excellencia e simplicidade. Vêde. E' elle mesmo quem se confessa mero expositor do que então usavam praticar os venezianos em seu ambito mercantil. Tres cousas maximas, — ensina elle, — são opportunas a quem com louvavel deligencia quer negociar. Destas tres cousas é principalissima o dinheiro, — *Pecunia numerata*, — sem o qual mal se pode exercitar o manejo das transacções, — *il maneggio traficante*, — supposto haja quem, já nú, começando de boa fé alcance riqueza mediante o crédito, — *avvenega che molti già nudì, con buona fede cominciando, di gran faccende abbiamo fatto, e mediante lo credito fedelmente riservato in magne ricchezze sienso pervenuti*.

Si a primeira e principalissima cousa opportuna ao commerciante diligente é o capital, — a segunda é que elle seja um bom guarda-livros e prompto calculador. *Buon ragioniere e pronto computista*.

A terceira e ultima é que disponha em boa, devida ordem, todos os seus cabedaes, de modo que com brevidade possa ter noticia de cada um, já quanto ao seu debito, já quanto ao seu credito.

Para que pudesse o negociante conseguir a segunda e terceira das cousas mencionadas é que **Paciolo** escreveu o seu luminoso tratado, E confessa:

— *«E servaremo in esso Il Modo di Vinegia, quale certamente Fra Gli Altri è molto da commendare e mediante quello in ogni altro si possa guidare.»* Que se infere disto? Primeiramente que **Paciolo** se propõe apenas narrar qual era o modo de Venezia escripturar, — *il modo di Vinegia*.

Depois, que esse modo era tão perfeito que entre todos merecia especial menção, — *fra gli altri è molta da commendare*, — tão perfeito que a quem o sabia qualquer outro lhe era familiar — *mediante quello in ogni altro si possa guidare*.

Ha sobre tudo um passo na obra

de **Paciolo** em que elle claramente nos diz ser um mero expositor.

E' quando nos ensina que cousa é estorno, — como se lança uma partida de estorno. Era o estorno para o illustre frade um problema serio. O *quàdèrniere* que o praticava retractava uma partida. Falando do estorno, com admiravel clareza, empregou o egregio tratadista esta bella, sonora expressão: *stornare alla fiorentina*. E' que neste lance, elle expõe o modo de Florença, — e, pois já em Florença se conheciam as partidas dobradas.

Mas, senhores, **Paciolo** é tão claro, é, sobre tudo, tão interessante, que nunca deixa de ser um prazer ouvir as suas proprias palavras. Ei-las pois:

«E' ancora necessario al bon quàdèrniere sapere retrattare, o vuoi dire stornare alla fiorentina, una partita che per errore avesse posta in altro lugo, che ella dovesse andare, come se se l'avesse messa in dare e doveala pronere in avere, e contra, e quando dovea porla a conto di Martino e lui la mise a conto di Giovanni e contra.»

«Ao bom guarda-livros importa saber retractar, isto é estornar ao modo florentino uma partida que por erro tenha collocado em lugar diverso daquelle em que devia pô-la, como quando a põe no debito devendo colocala no credito, e vice-versa, ou, quando devendo inscrevela na conta de Martinho, a registra na conta de João, e vice-versa».

Nas partidas que se lançavam no «Diario» era a conta devedora precedida da particula *Per*, e a conta credora da particula *A*, separadas ambas por duas virgoletas.

Assim: *Per casa* ≧ *A Cadeval*. O capitulo em que **Paciolo** nos explica este modo de debitar e de creditar tem por titulo: *«De due termini nel ditto Giornale usati massime in Vinegia»*.

Dois termos especialmente usados em Venezia, — diz elle, — referindo-se ás particulas *Per* e *A*, indicativas de conta devedora e conta credora.

Daqui se conclue que o método das partidas dobradas já tinha sua pratica assegurada em Venezia, em Florença e, certamente, em outras cidades, expondo-nos **Paciolo** apenas o seu simples mechanismo.

De resto, vós sabeis, senhores, que já em 1340 o *Libro della Masseria*, de Genova, era escripturado por partidas dobradas e o método ahi aparece não já criança, mas adulto,

diz **Bariola**, citando **Desimoni** *«Non bambino ma adulto»*.

E é este o registro mais antigo que se conhece escripturado por partidas dobradas. Mas se o método ahi apparece já adulto, já fortalecido — é porque vem de muito longe.

De que época e d'onde?

Ninguem o sabe. São tudo conjecturas.

(Continua).

ATRAZO

Devido a ter adoecido gravemente o nosso prezado Director Snr. Antonio Martins da Fonseca, este numero vai com alguns dias de atrazo, e o mesmo sucederá ao 3.º e 4.º n.º; porém, os seguintes sairão regularmente.

Colaboração

Vão-nos dar o prazer da sua colaboração nos proximos numeros: A distincta poetisa, Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Augusta Nogueira e os Ex.^{mos} Snrs. Melo Leote, Advogado-sindico da Camara Municipal do Porto e Professor de Direito Commercial e Maritimo do Instituto Industrial e Commercial do Porto, Bernardino Godinho (Contabilista), Silvino Sotto Maior (Contabilista), Francisco d'Auria (Contabilista-professor brasileiro), Antonio Batoque (Advogado) e Dr. Aarão de Lacerda.

Aos leitores

A pesar de o Quinzenario "A Voz do Comercio" ter tido aceitação superior á nossa espectraliva, rogamos o obsequio de propaganda e anuncios para que ele seja ainda melhor, mais benefico e para que tenha vida longa e prospera.

A Redacção

SECÇÃO TÉCNICA

A Organização Moderna

A simplificação técnica do trabalho de escritório aumenta a capacidade produtiva do pessoal e assegura a regularidade dos serviços

Com a publicação d'êste artigo iniciaremos uma campanha de divulgação dos modernos métodos de organização comercial, de há muito postos em prática, com brilhante sucesso, nos Estados Unidos da América do Norte, Inglaterra, França, etc.

Limitar-nos êmos a apresentar a opinião de alguns técnicos mais reputados, principiando, hoje, por analisar, resumidamente, os inconvenientes dos livros de folhas cosidas e as vantagens de uma classificação metódica e racional das contas dos correntes e do livro «Razão». E não vos admireis—, se houverdes tido a paciência de ler êste mal alinhavado arrazoado,—que comecemos por assunto que à primeira vista parece de pouca monta—os livros de folhas cosidas.

O emprêgo dos livros de contas correntes e dos razões de folhas cosidas, ainda hoje em uso num grande número de casas comerciais, constitue o maior embaraço do contabilista moderno, dada a impossibilidade de se poder adoptar com êstes livros um plano contabilista rigoroso e antecipadamente estabelecido.

Num livro de folhas cosidas, se algum plano houver presidido à abertura das contas, êsse plano ver-se-á a breve trecho destruído pela impossibilidade de se intercalar uma conta nova entre as contas já existentes.

A par da impossibilidade de se poder manter ou modificar, se for necessário, qualquer plano, acresce ainda que os livros de folhas cosidas dão origem a despesas inúteis e a grandes perdas de tempo, como adiante veremos.

Estes inconvenientes, como muito judiciosamente aponta C. Lambert, explicam, sem o justificar, o motivo porque certos contabilistas se veem constringidos a permanecer agarrados à rotina, impossibilitados de acompanhar os progressos da contabilidade moderna, e obrigados a dispensar um grande esforço e a perder muito tempo para conseguirem obter um número reduzido de informações.

Todos estes inconvenientes podem ser facilmente suprimidos com o emprêgo dos livros de folhas móveis.

Um livro de folhas móveis, como o próprio titulo indica, é um registo cujas folhas podem ser à vontade dispostas e classificadas, como se quizer, numa encadernação apropriada.

Que vantagens oferecem os livros de folhas móveis?

Entre outras, poderemos citar:

- A classificação metódica das contas;
- A supressão do índice;
- A duração limitada dos correntes;
- A eliminação das folhas inúteis;
- A supressão dos transportes a fólhos distanciados;
- A redução do formato dos livros;
- A redução do número de livros, etc.

Por conseguinte:

- Economia de tempo e pecuniária;
- Diminuição das probabilidades de êrro;
- Facilidade de execução material do trabalho, etc.

Classificação metódica das contas correntes

Existem vários métodos de classificação: alfabética, numérica, geográfica, alfanumérica, etc.

Ocupar-nos-êmos aqui apenas da primeira, a classificação alfabética, por ser a mais seguida e facilmente applicavel à maior parte dos casos.

A classificação alfabética apresenta a importante vantagem de nos permitir encontrar com facilidade e rapidez qualquer conta. Ninguém ignora quanto é aborrecido, sempre que se torna necessário consultar várias contas, termos de recorrer constantemente a um indice. O tempo gasto a organizar e a folhear um indice pode muito bem ser empregado numa tarefa muito mais lucrativa.

Com um correntes de folhas móveis, encontramos qualquer conta instantaneamente, sem necessidade de indice, se tiver havido a precaução de intercalar, no livro, folhas independentes munidas de indicadores alfabéticos rigorosamente divididos.

Contudo, para que esta classificação possa satisfazer completamente, é preciso que obedeça a regras fixas, antecipadamente estabelecidas e estudadas, de maneira a evitar, quando as contas são muito numerosas, as dificuldades que poderiam resultar de uma classificação feita ao acaso.

Eis algumas das regras gerais aconselhadas pelo conhecido contabilista francês Léon Batardon:

1.º *Toma-se para base de classificação o primeiro substantivo, dando sempre a preferência aos nomes de pessoas.*

a) se a razão social contem vários nomes, ordena-se pelo primeiro de entre êles.

Exemplos:

Ourivesaria Almeida, Castro & C.^a
 Meireles & Rocha, Ld.^a
 Casa Vilares

Por nome de pessoa entende-se, neste caso, o apelido ou sobrenome, e não o nome de baptismo. Exemplo:

José Pereira, C.^a

b) A marca de uma fábrica ou outra designação particular equivalente, deve ser considerada como um nome de pessoa.

Exemplo:

Empresa de Calçado Atlas, L.^a

2.º *Com os homónimos é o nome patronimico que serve de base na classificação.*

a) Classificam-se em primeiro lugar os homónimos que não contemham mais do que um nome patronimico, e sem outra designação complementar. A clas-

sificação efectua-se seguindo a ordem alfabética dos nomes de baptismo ou das iniciais.

Exemplo:

Valença
Alfredo Valença
C. Valença
Edemundo Valença

b) Feita esta classificação, ordenam-se depois os homónimos seguidos de uma designação complementar (como e C.º, e Filhos, Irmãos, etc.), ou seguidos de um outro nome de pessoa.

Exemplos:

Valença & Almeida
Valença & C.ª
Alfredo Valença & C.ª
Camilo Valença & C.ª
Valença & Couceiro
Valença & Filhos
Valença & Ramos
Valença, Filhos & C.ª
Valença, Irmãos
Valença, Ramiro & C.ª

3.º Se a razão social não contem nenhum nome de pessoa, servirá de base o primeiro substantivo, despresando-se as palavras Associação, Companhia, Banco, Empresa e outras designações genéricas, cuja repetição constante acarretaria grandes perdas de tempo ao procurar-se uma conta.

Exemplo:

Sociedade Industrial Aliança
Companhias Reunidas do Gás e Electricidade

4.º Se a razão social não contem nenhum nome de pessoa, e possui o nome de uma cidade ou país é este nome próprio que serve de base na classificação:

Exemplos:

Empresa das Aguas do Gerez
Companhia das Aguas de Loanda

Nos nomes geográficos despresar-se-á na classificação a palavra Santo.

Exemplos:

Santo Amaro
Santo Tirso

5.º Quando numa razão social não figurar outro substantivo além do termo genérico, servirá este de base.

Exemplos:

Banco Nacional Ultramarino
Companhia Industrial Resineira
Empresa Agricola Industrial, L.ª

Apresentando o sistema de Léon Batardon, não queremos de maneira alguma deixar supor que deva ser este sistema o geralmente seguido, a-pesar-de ser um dos melhores pela sua amplitude. De resto, não há regras sem excepções.

Qualquer sistema pode ser ótimo em dadas circunstancias e péssimo noutras, como teremos ocasião de ver.

Os classificadores de reserva

O nosso trabalho com os livros de folhas móveis é ainda consideravelmente reduzido, se, aproveitando-nos de todas as vantagens da mobilidade das folhas, formos retirando dos correntes as contas inúteis, que passaremos pela mesma ordem para um classificador de reserva.

Procedendo desta maneira, o livro de contas correntes encontrar-se-á reduzido ao minimo do seu peso, ficando nêlo apenas as contas necessárias, o que nos dispensa, sempre que necessitemos de proceder a uma consulta, de folhear uma série, por vezes numerosa, de contas já saldadas ou completamente preenchidas.

A fim de facilitar a classificação, convem, porém haver o cuidado de numerar de 1 em diante as folhas sucessivas de uma mesma conta.

As folhas devem ser de preferencia passadas para o classificador de reserva mensalmente ou trimestralmente, aproveitando-nos da época do estabelecimento dos balancetes e dos inventários das contas.

Do que fica dito resulta uma grande economia pecuniária e de tempo pela rapidez de execução dos inventários das contas, etc.

Silvino Sotto-Mayor.

PARTIDAS TRIPLAS

II

Conforme tivemos ocasião de constatar em nosso primeiro artigo escripto sob o titulo supra, numerosissimas tem sido ultimamente as tentativas feitas para se conseguir o inventario permanente, ou, por outras palavras, a determinação immediata de um patrimonio, independente de variações que haja anteriormente soffrido.

Já tivemos ocasião de nos referir aos compendios do notavel tratadista Eugenio Leautey, os quaes combatem valorosamente em quasi todas as suas paginas as desordens e as desorganisações das escriptas commerciaes, oriundas de balanços feitos muito espaçada-

mente e quasi sempre eivados de irregularidades.

Não precisamos tambem nos referir á monumental obra do grande Cerboni, intitulada Logismographia.

A Logismographia, ao par dos principios solidos em que se assenta, trazendo novas theorias e novas leis para a Contabilidade, procura, por sua vez, com as suas contas integraes e differenciaes, determinar a todo o momento o estado em que se acha um patrimonio movimentado. Por se tornar um tanto complicada a sua applicação pratica, teve de ser banida do Thesouro Italiano, mau grado aos principios rigidos em que se firma.

Um bom systema de escripturação não é

aquelle que apresente, pelo menos em theoria, uma perfeição absoluta.

A perfeição absoluta não está infelizmente ainda ao nosso alcance, não só na contabilidade, como nas demais disciplinas a que nos dediquemos.

Sendo assim, teremos de achar perfeito aquelle systema que, conjunctamente com uma perfeição caracterizada, traga simplicidade e brevidade no registrar os negocios de dada empresa.

O methodo de escripturação apresentado por Teodoro Esersky tem em mira dois fins bem distinctos:

1.º perfeição, pois, acompanhando todas as operações sujeitas ao registro dos livros, determina logo o seu bom ou mau resultado. Não precisa, portanto, esperar o fim do exercicio, o fim do anno.

2.º brevidade, com a eliminação dos processos complicados, muito do gosto dos nossos guarda-livros rotineiros e *carranças*, que procuram fazer da escripturação para elles só *mercantil* uma torre de Babel, vedada a olhares profanos.

Tres livros são usados nas partidas triplas.

1.º Um livro para o registro chronologico de todas as operações intitulado Livro de Capital ou Livro Principal.

2.º Um outro para o desdobramento das contas, systematisando-as.

3.º O livro summario ou do Balanço.

Os quadros seguintes poderão dar uma ideia desses tres livros, bem como do encadeamento que entre si apresentam.

Livro Principal Registro chronologico	Contas Systematicas	Livro Summario ou do Balanço
------------------------------------------	------------------------	---------------------------------

Todas as operações são registradas dia a dia no Livro Principal, que corresponde, em partidas dobradas, ao Livro Caixa, ao Borrão ou Borrador a limpo e ao Diario.

Do Livro Principal, assim chamado porque reúne em si todos os elementos da escripturação, os lançamentos são transferidos para o livro das contas systematicas, o qual livro corresponde em nossa escripta (partidas dobradas) ao Razão e aos diferentes auxiliares em que o mesmo possa ser desdobrado.

Emfim, os totaes de cada uma das contas systematicas são por sua vez transportados para o livro summario ou do Balanço, que termina a serie de lançamentos, apresentando dest'arte os totaes de todas as contas e, como consequencia, o balanço immediato de todo o activo e passivo.

Estes tres livros são como que tres linhas paralelas, correspondentes a primeira á disposição chronologica dos lançamentos, encadeando sucessivamente os diferentes factos da gestão; a segunda á centralisação systematica das operações productoras de effeitos homogeneos taes como compra e venda de mercadorias, saques contra devedores e liquidação dos mesmos, accete a favor de credores, o pagamento desses accetes, etc., etc.; e a terceira á reunião dos elementos homogeneos centralizados, para, em seu syntese, mostrar o balanço do activo e passivo e, portanto, o patrimonio.

De um modo geral, cada um dos tres livros possui tres columnas, identicas á dos dois outros:

1.º Columna para a entrada de valores (receita).

2.º Columna para a sahida dos mesmos valores (despeza).

3.º Columna para o resultado da transacção (lucros ou prejuizo).

Podiamos assim dispor as columnas de cada um destes tres livros:

HISTORICOS	VALORES		RESULTADO	
	Entrada	Sahida	Lucros	Prejuizo
1. ^a	2. ^a	3. ^a	4. ^a	5. ^a

Em essencia cada um dos tres livros não possui senão as columnas acima mencionadas. A 1.^a para o historico das operações, a 2.^a para as entradas reaes de valores, a 3.^a para a sahida dos mesmos e a 4.^a e 5.^a para a constatação do bom ou mau resultado das operações, que perante o patrimonio se traduzirá de uua forma positiva ou negativa, ou como queiram, por um augmento ou uma diminuição, por um lucro ou prejuizo.

Na pratica nada impede que dividamos essas tres columnas dando-lhes tantos outros auxiliares, quantas se tornarem precisas, como, por exemplo, columnas para peso ou medida dos artigos de negocio, columnas para o valor de custo de unidades, etc.

Uma das questões mais escabrosas em todo o systema de escripturação, mesmo em todos os methodos, é o meio de se determinar immediatamente qualquer descuido commettido na transcrição de lançamentos ou qualquer omissão de lançamento.

Como o methodo de Esersky é simples e

Imprevidencias Financeiras

II

Para se reconhecer os resultados que pode provocar a medida anteriormente apontada, vamos entrar no caminho das demonstrações.

Devo porem, antes de mais nada, declarar que tal medida devia ter sido tomada logo de inicio, quando se começou a desvalorisar a moeda e não agora, evitando-se assim as situações pavorosas que se crearam.

Ainda iria a tempo quando se crearam os impostos sobre os lucros da guerra, provando assim os titulares da pasta das Finanças que sabiam o que estavam a contribuir, pois da forma que o fizeram lançaram impostos sobre lucros, que na sua quasi totalidade, eram fantasmagóricos, imaginarios, epoteticos, visto que tais lucros não passam de um *bluf*.

Podia tambem ter sido tomada, quando procuraram fazer a estabilização do cambio e a valorisação da moeda.

Pode e deve ser tomada hoje como principio de regeneração economica e financeira, desde que a façam acompanhar das medidas regulamentares indispensaveis, as quaes não se podem restringir á regularisação da produção, á restricção da importação e á protecção desvelada da exportação continental e colonial.

Ha muitos factores que é preciso conjugar por que andam dispersos e para isso impõe-se tambem um trabalho de conjunto, o qual não dispensa um emprestimo interno e um emprestimo externo, cada um com a sua função regularisadora.

Mas, entremos no campo das demonstrações, campo que me é imposto pelo arrojio das afirmações que fiz.

Eu disse que não estávamos preparados para ter dinheiro e para o saber administrar e vou prova-lo: Começarei por provar que os varios titulares da pasta das Finanças contribuíram lucros que, ircnia das coisas, eram autenticos prejuizos, indo buscar receitas onde as não havia e contribuindo assim para uma perda ainda maior, para a ruina em que vemos a maior parte dos negocios, não sabendo, ou mal sabendo o que estavam a fazer.

E' preciso que haja quem diga estas coisas assim, terra a terra, de forma a todos as verem com clareza e procurarem fugir do erro em que vivemos.

Não são apenas palavras que se dizem, são factos que se vão apontar, e, tão eloquentes, que parece impossivel não se ter reparado ainda neles. Vejamos:

O facto predominante pelo qual se demonstra que o Estado contribuiu impensadamente lucros que jamais existiram, resume-se no seguinte: pegue-se para ahi,

expedito, ainda sobre este ponto elle não apresenta falha, pois fornece aos guarda-livros zelosos os mais amplos meios de constatar a exatidão do seu trabalho.

(Continua).

Transcrito da Revista Brasileira de Contabilidade.

José Mascarenhas.

algures, nos relatorios das potencias financeiras do país. Qualquer d'elles nos pode servir de guia por que o caso sendo d'ordem geral não nos interessa senão pelo lado geral.

Aqui, á minha mão, tenho eu um que me vai servir de guia.

O capital acionista em 1914 era de 600 contos (ouro) e o seu movimento geral era regular e compensador.

Fixemos que então havia apenas 6.000 acionistas e que estes vinham recebendo um dividendo de 10% (ouro), o que então era um belo rendimento,

Vejamos o que acontece com a mesma potencia financeira em 1926.

O seu capital elevou-se a 10.000 contos, mas o numero de acionistas elevou-se tambem a 100.000, distribuindo um dividendo de 40% (papel).

Vai-nos servir de termo de estudo, esta mesma potencia financeira, para provarmos que a fortuna publica não se elevou, por que ela diminuiu.

Vamos ver ao que ficam reduzidos os taes esphafatosos lucros da guerra que o Estado contribuiu.

Estando a libra, em 1914, a Esc. 5.00 (numeros redondos), o capital então existente dava para se comprarem £ 120.000, ou fossem libras 20 por cada acção.

Logo, se o acionista, em 1914, podia comprar 20 libras com o dinheiro de cada acção, para ter ganho dinheiro, devia poder comprar em 1926 mais de 20 libras. Poderá fazê-lo? Não pode.

Com os 10.000 contos de capital actual, mal pode comprar 100.000 libras. Quer dizer, só pode dar uma libra a cada acionista, em vez de vinte que dava em 1914, visto que então havia 6.000 e hoje ha 100.000.

Aqui está ao que ficaram reduzidos os fantasticos lucros da guerra.

Mas este é o primeiro ponto. Vamos a ver os outros, que não são menos importantes.

Vimos que o dividendo normal que, em 1914, essa potencia financeira distribuia aos seus acionistas, era de 10% (ouro), ou fossem Esc. 10500 (duas libras) por acção.

Vamos agora ver o que aconteceu em 1926, para mais uma vez provar que o Estado contribuiu epoteticos lucros e que o fez com aquela sciencia e consciencia que resulta dos cerebros bem formados, que pelo seu valor são guindados aos postos de comando.

Em 1914, pois, essa potencia financeira, a tal que em 1926 estava a ganhar rios de dinheiro, dava um dividendo de 10% (ouro) e em 1926 oferecia ao seu capital o estupendo juro de 40% (papel).

Comparando, *tout court*, as duas proporções, que foi o que fez o legislador, vê-se que lhe escapou esta coisa comesinha — ouro — papel — e d'ahi viu que entre um juro de 10% e um de 40% não havia que hesitar e, por isso mesmo, não esteve com demasias, — zás, — contribuiu os lucros exagerados e fabulosos de 40%.

Sim, fabulosos, tão fabulosos que reduzindo-os á sua verdadeira expressão encontramos o seguinte:

Juro em 1914 — 10 % (ouro) — Escudos 10500	
» » 1926 — 40 % (papel) — » 40500	

ou seja menos de 1/3 de libra, quando dava 2 libras em 1914.

Quer dizer reduzindo tudo ao seu verdadeiro valor intrinseco teremos:

Juro em 1914 — 10 % (ouro) — Esc. 10500 (ouro)	
» » 1926 — 1,33 % » » 1533 »	

Ahi fica bem patente, bem claro, bem nitido, o que eram os taes lucros exagerados do apoz guerra,

esses lucros de fabula, que eram tão grandes que representavam:

- 1.º — uma perda de 95 % no capital ouro.
- 2.º — » » » 8,67 % » respectivo juro anual.

Havemos de concordar que em materia financeira foi ao cumulo e que, a apregoada sciencia dos nossos financeiros foi alem de todas as previsões.

Contribuindo os lucros da guerra? Mas como? Onde existiam esses lucros se por acaso o povo trocou, como no conto do vigario, as suas autenticas libras por papel de jornal. Só se querem admitir que, aqueles que são vigarisados pelo conto, tambem lucram com o negocio.

Ah, sim, lucram experiencia, pois que não tornam a cair facilmente noutra.

(Continua)

Jorge Reis.

CASAS COM FILIAES

II

Neste caso, devemos distinguir as filiaes que têm capital declarado pela matriz e as filiaes que o não têm.

Quer, porem, haja capital fixado, quer não, as agencias são consideradas pela matriz como um correspondente qualquer em relações de negocio durante o exercicio. Elas são debitadas pelos valores que a matriz lhes tornece e creditadas pelos valores que fornecem á matriz. Vê-se, pois, que a conta collectiva **Agencias**, que a matriz terá em seus livros, funcionará como uma conta corrente ordinaria durante todo o exercicio. Mas, como a administração central tem de incorporar no seu balanço todo o activo e todo o passivo das suas filiaes, é claro que, no encerramento do exercicio, a conta **Agencias** deverá ser fechada pela incorporação do seu activo e passivo á casa central para só reaparecer aberta depois de levantado o balanço desta.

A reabertura da conta **Agencias** se faz depois do balanço pela transferencia a cada filial do seu activo e passivo, ficando as contas de resultado de cada uma definitivamente incorporadas na escripturação da casa central. Assim se faz na casa matriz.

A escripturação nas casas filiaes encerra-se pela transferencia das contas de resultado para a sua conta de **Lucros e Perdas** e o saldo desta ultima para a conta corrente da matriz. Tambem para a conta corrente da matriz são transferidas as contas das outras filiaes em situação de debito ou de credito.

Feitas estas transferencias, a filial levanta o seu balanço como o de um estabelecimento qualquer—isto é, fechando as contas todas e reabrindo-as immediatamente por saldo, constituindo os saldos devedores do razão, como em todo balanço, o seu activo, e os saldos credores o seu passivo.

Pode acontecer, porem, que a casa matriz decida que as agencias reassumam as respectivas posições umas para com as outras no novo exercicio. Para isto basta que cada filial faça um lançamento ao inverso do que fez para a transferencia á matriz no exercicio anterior das contas das outras filiaes.

O lançamento poderá ser este: **Matriz c/c a Agencias**. Ou então: **Agencias a Matriz c/c**. Imaginemos agora que um estabelecimento desta praça abre uma filial no Rio fixando-lhe o capital de

250.000\$000. O seu primeiro lançamento em relação a essa filial terá por objecto a fundação do seu capital, assim, por exemplo:

Filial-Rio c/cap.										
a Filial-Rio-cap./a										
realisar										
Capital que lhe é fixado.								250	000	000

E remetida a importancia do capital fixado lançará:

Filial-Rio-cap./a rea-										
lisar										
a Caixa										
Somma remetida .								250	000	000

E imaginemos agora que no fim do exercicio a escripturação da filial apresente o seguinte resultado:

Despesas	100.000\$000
Lucros diversos	150.000\$000

E' claro que o lucro liquido são 50.000\$000 que ela transferirá para a conta corrente da matriz:

Lucros e Perdas										
a Matriz--c/c.										
								50	000	000

A matriz lançará:

Filial-Rio-c/c										
a Lucros e Perdas										
								50	000	000

Nos livros da matriz ha então as seguintes contas da filial do Rio:

		Filial-Rio-c/cap.	
Debito			Credito
A Filial-Rio-cap. a realisar	250	000	000

		Filial-Rio-c/c	
Debito			Credito
A Lucros e Perdas . .	50	000	000

E supponhamos que o balanço da filial é este:

Activo		Passivo	
Caixa . . .	80 000 000	Matriz-c/cap. .	250 000 000
Mercadorias .	100 000 000	Matriz-c/c. .	50 000 000
Lt. ^{as} a Receber	100 000 000	Ct. ^{as} correntes	80 000 000
Ct. ^{as} correntes	120 000 000	Letras a pagar	20 000 000
	400 000 000		400 000 000

Ora, como a administração central tem de incorporar no seu balanço o balanço da filial, lançará, tendo em vista o balanço que lhe é remetido por esta ultima, as seguintes partidas:

Para transferir a conta de capital da filial para a sua conta corrente de modo que em seus livros fique aberta uma só conta á filial:

Filial-Rio-c/c a Filial-Rio-c/cap.	
Transferencia do saldo desta conta para aquela	250 000 000

Feito este lançamento está fechada a conta de capital e a conta corrente da filial tem agora a seu debito 300.000\$000.

Ora, como o activo que ella transfere á matriz, e que lhe é creditado, são 400.000\$000, segue-se que ella fica com 100.000\$000 a seu credito; mas, como o passivo que ella igualmente transfere á matriz, e que lhe será debitado são 100.000\$000 exactamente,—é evidente que tambem a conta corrente da filial desaparece com este ultimo lançamento e em seu lugar ficam nos livros da casa central o activo e o passivo que elle lhe transfere.

Tem-se para se chegar a este resultado, as seguintes partidas, na casa matriz:

Diversos a Filial-Rio-c/c	
Pela incorporação do seu activo, a saber:	
Caixa-Rio.	80 000 000
Mercadorias-Rio.	100 000 000
Letras a Receber-Rio .	100 000 000
Contas correntes-Rio .	120 000 000
	400 000 000
Filial-Rio-c/c a Diversos	
Pela incorporação do seu activo a saber:	
a Contas correntes-Rio.	80 000 000
a Letras a Pagar-Rio .	20 000 000
	100 000 000

Todas estas contas do activo e passivo da filial figuram no balanço da casa central como si fossem contas proprias. A conta de **Letras a Receber-**

Rio, por exemplo, é sommada no inventario, á conta das letras a receber da central, fazendo um só todo no balanço, e assim com as demais contas. No novo exercicio fazem-se lançamentos ao inverso para se collocarem as contas da filial na mesma posição em que ellas se achavam antes do balanço. Assim, no caso estudado, tem-se de lançar na casa matriz:

Filial-Rio-c/c a Diversos	
Os seguintes valores activos que lhe são transferidos:	
a Caixa-Rio.	80 000 000
a Mercadorias-Rio. . .	100 000 000
a Letras a Receber-Rio.	100 000 000
a Contas Correntes-Rio	120 000 000
	400 000 000
Diversos a Filial-Rio-c/c	
Os seguintes valores passivos que lhe são transferidos:	
Contas Correntes-Rio. .	80 000 000
Letras a Pagar Rio . . .	20 000 000
	100 000 000
Filial-Rio-c/cap. a Filial-Rio-c/c.	
Seu capital fixado transferido desta ultima conta para a primeira	
	250 000 000

Feitos estes lançamentos, estão fechadas todas as contas do activo e passivo da filial que haviam sido incorporadas á escripturação da casa central por occasião do balanço, e reabertas as contas da **Filial-Rio-c/cap.** que, fica a seu debito com 250.000\$000, e **Filial-Rio-c/c**, que fica igualmente a seu debito com 50.000\$000, exprimindo estas contas a situação exacta da filial para com a matriz.

O que se conclue do exposto é que os estabelecimentos que têm succursaes ou filiaes dentro do paiz não estão obrigados a ter em cada filial uma escripturação completa com todo o apparelho dos livros legais e facultativos. Mas ha casos em que convem manter em cada filial uma escripturação completa,—quando, por exemplo, a filial tem capital proprio, ou mesmo que o não tenha, quando está situada em ponto distante da administração central. O balanço, porém, da matriz compreenderá em si os balanços das filiaes, porque se assim não fôra o balanço da casa central não exprimiria a sua verdadeira situação economica e juridica, nem a verdadeira situação especifica do seu patrimonio. Vêm-se com muita frequencia balanços de grandes casas em que as suas filiaes apparecem no activo ou no passivo como simples correspondentes em situação de debito ou de credito. Ora, isto é erro. O balanço que não comprehende em si o activo e o passivo das filiaes perde o caracter de generalidade que lhe é proprio.

(Continua)

Carlos de Carvalho.

Contabilista brasileiro

CONTAS CORRENTES COM JUROS

Dentre os methodos propostos para regularisação das contas correntes com juros, destaca-se o *methodo hamburguez* pela simplicidade do seu mecanismo e pela vantagem de apresentar a cada momento o saldo dos capitães da conta, bem como levar os juros sempre calculados.

E' este methodo quasi que geralmente adoptado nos estabelecimentos bancarios, onde mais patentes se tornam as vantagens acima indicadas, sabendo se que, ali principalmente, as contas de deposito devem mostrar constantemente o saldo a favor dos depositantes, afim de se poder julgar de prompto sobre as retiradas que estes fazem, fiscalisando-se efficazmente o movimento dessas contas.

Apesar dessas vantagens, o *methodo hamburguez*, como é communmente usado, não deixa, como todos os outros methodos conhecidos, de ter seus defeitos, pois, tanto para este, como para os outros methodos, foram suggeridos diversos artificios para correcção dos defeitos notados, taes como: os numeros vermelhos, os encerramentos provisorios, as transferencias para periodos subsequentes ao fecho da conta, modificação na ordem chronologica das operações, etc.

Tem lugar o emprego de nume-

ros vermelhos, no *methodo hamburguez*, quando os vencimentos das diversas operações não estão em ordem progressiva de data. Ha quem, para evitar os numeros vermelhos, lança mão do seguinte recurso para serem os numeros vermelhos evitados:

Collocar os vencimentos em ordem chronologica progressiva.

Isto, se evita os numeros vermelhos, produz um inconveniente ainda maior, é o de ficarem desordenadas as datas das operações. Ora, assim, seria preciso que se regularisasse a conta só depois de effectuadas todas as operações que a constituem, desaparecendo, então, a apreciavel vantagem do methodo, a de apresentar o saldo da conta e os juros á medida que as operações vão se effectuando. Nestas condições, é então preferivel

adoptar-se o methodo directo por ser elle muito mais expedito.

Póde, porem, ser adoptado o *methodo hamburguez* nos casos dos vencimentos desordenados, sujeitando o processo commum a pequenas modificações.

Os eminentes professores Fabio Besta e Giuseppe Zigoli ensinamnos dous modos differentes de regularisar as contas correntes com juros pelo methodo hamburguez.

Vamos tratar desses dois processos offerecendo uma conta calculada por ambos os processos, dando, em seguida as respectivas regras.

Sejam as seguintes as operações que formam a conta corrente: *Operações entre as firmas: Horacio Sampaio & C.^a e J. de Carvalho & C.^a — c/c encerrada em 31 de Dezembro de 1912—Juros reciprocos de 5 %.*

1912—Fevereiro—5—s/ factura n.º 300, a 90 d/	4.500\$000
Março—10—n/ aceite a 30 d/	2.000\$000
Abril—30—s/ factura n.º 1000, a 90 d/	6.480\$000
Junho—10—Pago a Raymundo Levy por s/o e/c	1.200\$000
Agosto—4—s/ factura n.º 1300 a 90 d/	3.640\$000
» —10—s/ aceite a 15 d/	3.000\$000
Setembro—22—Recebido de Emilio Rebouças por s/c	750\$000
Outubro—5—s/ factura n.º 2000 a 90 d/	8.500\$000
Novembro—8—s/ aceite a 90 d/	1.000\$000
» —20—s/ aceite a 90 d/	5.000\$000
Dezembro—5—s/ factura n.º 2300, a 60 d/	5.750\$000

PROCESSO FABIO BESTA

Eis a conta organizada por este processo:

DATAS	HISTORICO	Capitães		VENCIMENTOS	DIAS	Somas	
		D/H	Quantias			D/H	Somas
1912				1912			
Fevereiro	5 s/ factura n. 800, a 90 d/	H	4.500\$000	Maio	5		
Março	10 n/ aceite a 30 d/	D	2.000\$000	Abril	10	25	D 50.000
		H	2.500\$000	Maio	5	85	H 212.500
Abril	30 s/ factura n. 1000, a 90 d/	D	6.480\$000	Julho	30		H 162.500
		D	3.980\$000	Julho	30		
Junho	10 Pago a R. Levy por s/ o/ e c/	D	1.200\$000	Junho	10	50	D 60.000
		D	5.180\$000	Julho	30	94	H 102.500
Agosto	4 s/ factura n. 1300, a 90 d/	H	3.640\$000	Novembro	4		D 486.920
		D	1.540\$000	Novembro	4		
	10 n/ aceite a 15 d/	D	3.000\$000	Agosto	25	69	D 207.000
		D	4.540\$000	Novembro	4		D 591.420
Setembro	22 Recebido de Emilio Rebouças por s/c	H	750\$000	Setembro	22	42	H 31.500
		D	3.790\$000	Setembro			D 559.920
				Novembro	4	61	D 231.190
Outubro	5 s/ factura n. 2000, a 90 d/	H	8.500\$000	1913			
		H	4.710\$000	Janeiro	5		D 791.110
Novembro	8 s/ aceite a 90 d/	H	1.000\$000	Janeiro	5	33	H 155.430
		H	5.710\$000	Fevereiro	8		D 635.630
	20 n/ aceite a 90 d/	H	5.000\$000	Fevereiro	8	12	H 168.500
		H	710\$000	Fevereiro	20		D 567.160
Dezembro	5 s/ factura n. 2300, a 60 d/	H	5.750\$000	Fevereiro	20		
		H	6.460\$000	Fevereiro	5	15	H 86.250
		D	111\$654				D 480.910
	31 Juros de 5 % s/ n. 803.910	D	6.348\$346				D 323.000
	Saldo credor.		6.348\$346				D 803.910
1913				1912			
Janeiro	1 Saldo	H	6.348\$346	Dezembro	31		

Pelo processo Bésta as operações são registradas em ordem chronologica, sendo a seguinte a regra a seguir para regularisação de uma conta corrente.

Regra:

1.º — *Comparam-se as datas das duas primeiras operações, contando os dias que decorrem do primeiro ao segundo vencimento e collocando-os em frente ao vencimento anterior, o que vem a dar como vencimento do saldo, o ultimo vencimento das duas operações comparadas.*

2.º — *A' medida que se seguem as operações comparam-se cada uma destas com o saldo anterior e contam-se os dias, adoptando o mesmo criterio do n.º 1, isto é, contando-se os dias que decorrem do vencimento do saldo ao da operação immediata, collocando-os em frente ao ultimo vencimento; coincidindo o vencimento do saldo com*

o da operação subsequente é claro que se deixam de contar os dias.

Obtidos os dias como acima ficou dito, não nos resta mais do que multiplicar os pelas quantias em frente ás quais se acham, representando este producto o numero sobre o qual se calcularão os juros.

3.º — Ao encerramento da conta observar-se-á o seguinte:

a) *Se o vencimento do ultimo saldo procede o dia do fecho de conta, se contarão os dias que decorrem do vencimento desse saldo ao dia do fecho, collocando esses dias em frente ao saldo;*

b) *Se o vencimento do ultimo saldo coincidir com o dia do fecho de conta, não ha, neste caso, dias a contar;*

c) *Se o vencimento do ultimo saldo for posterior ao dia do fecho, contam-se os dias que decorrem entre*

as duas datas escrevendo os com signal differente do que o saldo tiver, isto quer "dizer; se o saldo é devedor o numero será credor, se o saldo é credor o numero será devedor.

Como regra geral deste processo deve-se observar que os saldos são sempre trazidos para um vencimento posterior, não se importando que este exceda o dia do encerramento, pois, neste caso, o numero levará um signal contrario da quantia, o que quer dizer que é um numero negativo, vindo eliminar, assim, o numero vermelho.

(Continua).

Transcrito da Revista Brasileira de Contabilidade.

F. d' Auria.

ENTRE LEITORES

Esta secção é destinada a consultas tecnicas e respectivas soluções entre os leitores de «A Voz do Comercio»

Consultas

N.º 3. Para encerrar uma conta do «Correntes», fiz, a lapis, a soma do debito e a do credito e tirei o saldo. Verificando que ele estava certo, escrevi-o a tinta e, por engauo, do lado maior, somando-o, tambem a tinta, com a soma a lapis.

Como o saldo estava certo e eu não tinha ainda dado pelo engano, egualei a soma do lado menor sem reparar na que estava a lapis.

Por exemplo:

Deve	Antonio Ferreira	Haver
Soma a lapis 20.000\$00		
	Soma a lapis.	30.000\$00
	Saldo . .	10.000\$00
	<u>40.000\$00</u>	<u>40.000\$00</u>

Só passados alguns dias é que dei pelo engano. ¿ Como emendar?

A. R.

Solução á pergunta n.º 1

Para responder a esta pergunta vou-me basear no seguinte:

O Art. 48 do Codigo de Comercio argentino diz:

«El libro de Inventarios se abra con la descripcion exacta del dinero, bienes, muebles y raices, créditos y otra qualquier especie de valores que formen el capital del comerciante al tiempo de empezar su giro.»

Não resta duvida de que isto é o que se deve seguir sempre. E debaixo deste ponto de vista que dou a minha opinião.

Suponhamos os seguintes valores no problema dado:

Dinheiro emprestado por F.	Esc.	40.000\$00
Valor do Activo de R. & C.ª	«	80.000\$00
Valor do Passivo de «	«	40.000\$00

Livro de Inventario e Balanços

ACTIVO

Caixa		
dinheiro	Esc.	40.000\$00
Diversas contas		
(Activo de R. & C.ª)	«	80.000\$00
		<u>120.000\$00</u>

PASSIVO

Devedores e Credores Geraes		
F.	Esc.	40.000\$00
Diversas contas		
(Passivo de R. & C.ª)	«	40.000\$00
Letras a Pagar		
aceites de A.	«	40.000\$00
		<u>120.000\$00</u>

Feitos os lançamentos no Diario teremos em ordem a abertura da escrita de A.

José Alves Pinheiro

Aveiro

(Conclue na 28.ª pagina)

Tres remedios santos e baratissimos

(Continuação)

— «O remedio mais simples e mais efficaz para a cura das *hemorrhoidas* — acrescentou elle — são *caldos de malvas verdes dos campos*.

«A elles devo a vida, porque ninguem soffria mais das *hemorrhoidas*, do que eu — prosegue o santo homem.

«Não podia comer nem dormir; — gritava por vezes com dores; estava dias e dias de cama; — soffria muito das *cruzes*, da *cabeça*, dos *rins*, do *osso sacro*, etc. Mas restabelecime promptamente e completamente, logo que me aconselharam os *caldinhos de malvas*.

— Tenho tomado muitos! — Para ter *malvas frescas e verdes* todo o ano, fiz *uma horta de malvas* — e peço aos vizinhos que não as enterrem, quando lavram os seus campos — e m'as dêem, porque são o *melhor brinde que podem mandar-me*.

«As malvas — disse elle ainda — devem ser verdes, raladas como outra qualquer hortaliça — e os caldos devem temperar-se como os outros caldos verdes. — Podem ser até *migados* com pão, como os outros caldos, mas, como as folhas das malvas são muito finas, muito delgadas, — os dictos caldos para serem frescos e gratos ao paladar, — demandam uma *ligeira fervura*.

«Podem tomar-se a qualquer hora e com outra qualquer refeição, — mas devem tomar-se *dias seguidos* — em *períodos longos* — e sempre com *bastantes malvas*.

«O ventre andará *sempre livre*, — as *ourinas sempre claras* — e nunca farão *deposito*.»

* * *

Como o dicto fidalgo era um homem respeitabilissimo e cavalheiro a toda a prova, — eu atirei-me logo aos *caldinhos das malvas*!

Achei-os muito saborosos; — já tomei *centos d'elles* — e por *experiencia propria* affirmo que tudo o que me disse aquelle santo homem, hoje fallecido, — é *nitida verdade*! . . .

Os meus *incommodos* *hermorroidaes* desapareceram *por completo*! — Desappareceram tambem os tumores, vulgo *loicencos*, que na primavera me perseguiam, — bem como as *dôres de colica*, de que fui *martyr* e que talvez proviessem, como os *taes loicencos*, — da *viciação*

do *sangue*, causada pelas *hemorrhoidas*?! . . .

Tambem as *ourinas* já não fazem *deposito avermelhado*, como faziam, — o que é bom signal, pois já li *duas vezes* em livros de medicina franceza: — *Conserva as ourinas claras e faz fezes aos medicos*?! . . .

* * *

O tal santo homem de *Riodades* contou-me tambem o seguinte, que é digno de registrar-se.

Indo ver certo casal seu, aproximouse da casa e chamou pelo caseiro. O homem não respondeu, mas veio logo a mulher d'elle chorando e pedindo que o desculpasse, porque estava a morrer com um ataque de *hemorrhoidas salidas*! Que já havia tomado muitos remedios, mas sem resultado; — que só gritava, — não comia nem dormia — e com certeza morria! . . .

— Se o *incommodo* é só esse — disse-lhe o fidalgo — não se aflija, — Dê-lhe muitos *caldos de malvas frescas* — e verá como elle se restabelece.

Passados dias, voltou o fidalgo ao mesmo casal. O doente moribundo, apenas o lobrigou, correu para ele de mãos postas, descendo por um caminho fragoso a chorar, — de joelhos e gritando:

— Ai o meu salvador! . . .

— Você endoideceu — lhe disse o fidalgo. — Levante-se, levante-se! . . . — Mas o bom do homem continuou a arrastar-se de joelhos e mãos postas, até que se abeirou do amo e o abraçou pelas pernas, gritando sempre:

— «O meu salvador! — Foi o meu salvador, pois logo que V. Ex.^a disse á minha mulher que me desse *caldo de malvas* — eu não tomava por dia tres tigelas — mas tres *escudelas* dos ditos caldos — e dentro em pouco me restabeleci! . . .

«Foi V. Ex.^a o meu salvador!» Amigos meus, a quem já dei noticia destes dois *remedios santos* já usam os dictos *caldos de malvas* e mostram-se muito satisfeitos. — Dois deles até já fizeram tambem *hortas de malvas*! . . .

Se morassem mais perto, eu tomaria com eles os dictos caldos á *compila*, mas infelizmente um móra junto de *Vizela* — o outro em *Almalaguez*, junto de *Coimbra*.

Outro remedio contra a caspa

Este é o mais simples dos tres. — Basta lavar a cabeça de oito a oito dias com *vinagre bem forte*; — depois de estar assim molhada, fricciona-se com uma escova aspera de milho — até se sentir a ardencia do

ATENÇÃO

Pedimos encarecidamente a quem enviarnos o 1.º numero de "A Voz do Comercio" e não queira ser assinante, o favor de o devolver, pois que está quasi esgotada a primeira edição.

A Redacção.

F. J. Agostinho Silva

Comercialista

pelo Instituto Industrial e Commercial de Lisboa e antigo sub-inspector das alfandegas, Rua do «Comercio do Porto», 118-2.º — Porto.

Trata de qualquer assunto concernente aos serviços aduaneiros, mas de preferencia os respeitantes ao contencioso fiscal e administrativo.

Consultas todos os dias uteis, das 11 ás 13 horas, *gratis para os assinantes de "A Voz do Comercio" e para os socios da "Associação dos Contabilistas e Guarda-Livros do Norte de Portugal"*.

BENEFICENCIA

Uma cancerosa em estado muito grave e que vive na miseria, implora a vossa caridade. Mora na rua Fernão de Magalhães, n.º 99-2.º.

Recebem-se donativos nesta Redacção.

Transporte	10\$50
Anonimo	2\$50
Henrique Martins da Fonseca	5\$00

Total. 17\$50

vinagre. — Esta ardencia desaparecerá tambem a *caspa*; — o cabelo não *cairá* — e até algum nascerá! . . .

Assim me libertei eu da *immunda caspa* e logrei conservar até hoje algum cabelo, estando já decrepito, pois nasci em 14 de Novembro de 1832. Completei, pois, 76 annos em 14 de Novembro de 1908.

Tudo é bom saber-se.

Rev.º Pedro Augusto Ferreira.

CALENDARIO AGRICOLA

Girava *D. Janeiro*, furando solícito por todos os lados, rodeado de cinzas quentes e arrastando as suas achas. Tinha ali umas boas galinhas que estava assando e tirava chouriços do fumeiro.

D. Fevereiro aquecia as mãos, esfregando-as. Ora luzia o sol, ora o inverno e o verão travavam batalha, ia separá-los, queixando-se sempre de ser de todos o mais pequeno.

D. Março tinha enorme pressa de tratar as suas vinhas, pressa de limpá-las, pressa de cavá-las. Tornava iguais os dias e as noites e inspirava amor aos animais e ás aves.

D. Abril punha em marcha os exércitos para ir guerrear, porque havia já altos trigos verdes lembrando a ceifa.

Fazia rebentar as cepas para produzir o vinho, fazia crescer as ervas e as searas, e alongava os dias.

D. Maio estava sentado, coroado de flôres, pintando os campos de côres várias, vestindo trajos de festas ás *maias*, cantando os amores e fazendo apontar as espigas nos tri-gais que os lavradores semearam.

D. Junho amadurecia as seáras e os prados; tinha em volta de si palha de centeio cortada, carregava as cerejeiras de frutos maduros e dava calor aos dias mais compridos.

D. Julho reunia os ceifeiros, cobria-lhes a cara de suores, lançava os moscardos picantes em perseguição do gado e dava ao vinho amargos sabores.

D. Agosto batia os trigos nas eiras, debulhava-o e juntava os bagos. Mudava em uvas verdadeiras os cachos ainda acres. O outono encarregava-o das suas primeiras ordens.

D. Setembro, armado de varas, batia as noqueiras, aprontava as cubas, desfolhava os salgueiros, vindimava e expulsava os passaros das figueiras.

D. Outubro punha-se a lavar, fazendo como coisa nova o que já tinha feito; preparava-se para semear quando chegasse o inverno, e provava os vinhos que tinham já fermentado.

D. Novembro dava glandes aos porcos, recolhia lenha em carros e padiolas e iluminava á candeia homens laboriosos — porque as noites são longas e curtos os dias.

D. Dezembro matava porcos para fazer as suas provisões, oferecia os figados deles para primeiro repasto — e pela manhã enchia o ar de nevoeiro denso.

D. Juan Lorenzo Sugura.

(Poeta castelhano, que viveu na segunda metade do século XII)

AGENDA

JANEIRO

Dias de Festa e Feriados da Republica

Portuguesa

» 31, Festa dos Precusores da Republica.

Contribuições

Por todo o mez

Os proprietarios de prédios rusticos devem declarar, na dita Repartição, os predios que possuem em cada freguesia, sua localização, denominação propria, havendo-a, confrontações, área aproximada, que poderá ser expressa na medida usada na região, e cultura ou culturas a que andam applicados e qualidade e classificações do terreno segunda a sua produtividade na região.

A declaração deve ser feita em duplicado e em impressos segundo o modelo junto ao decreto n.º 15289, de 30 de Março de 1928.

Um dos exemplares será entregue ao declarante com recibo.

Aos donos, usufrutuarios ou dalguma fórma senhoriaos cumpre apresentar, na aludida repartição, a declaração dos predios urbanos que tem arrendados, indicando os nomes dos inquilinos, a parte que occupam nos predios e a aluguel que pagam.

Pagam-se as prestações das contribuições Predial, Taxa Complementar e Imposto de transações, que não foram relaxadas em Dezembro:

Voluntariamente as segundas prestações e com juros de mora as primeiras.

Tambem se paga voluntariamente a Taxa Militar.

Por falecimento do contribuinte, os seus parentes (ascendentes responsaveis) devem dar immediato conhecimento desse facto á respectiva repartição de finanças, juntando a certidão de obito que é gratuita.

Não fazendo essa participação ficam obrigadas ao pagamento da dita taxa.

Renovam-se as licenças e documentos cujo prazo de validade findou em 31 de Dezembro.

ENTRE LEITORES

(Conclusão)

Solução á pergunta n.º 2

No primeiro lançamento mensal (visto ser esta a partida usada) a fazer no Diario, inclui-se a conta credora fazendo referencia á omissão.

NOTA:

Se no lançamento errado a importancia total se encontra escriturada como se realmente essa conta estivesse mencionada no Diario, na soma do lançamento em que se fez a regularisação, não é incluída a importancia da conta omitida, ficando tão sómente escriturada.

José Alves Pinheiro

Aveiro

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

SECÇÃO LITERARIA, ARTISTICA, MORAL E SCIENTIFICA

Da Morte de D. João

Mais um instante só. Eu vou deixar-te, poeta.
Caminha para o bem, direito como a seta
Lançada contra um alvo. A força da atracção
E' uma lei moral; domina o coração
Assim como domina as rochas de granito:
Existe um iman — **Deus** — occulto no infinito.
Obedece-lhe sempre invariavelmente:
Torna-te um pensador; e mais ainda, um crente.
Tem dois polos a alma — a crença e a razão,
A crença é o luar da nossa intuição;
Onde a razão acaba, a crença principia.
Sustenta-te de pão; nutre-te de alegria.
Ser alegre é ser forte; a fôrça é uma alavanca.
Só é forte quem tem a consciencia branca.
Satura-te de luz. Vive na natureza;
Ela é feita de graça, é feita de pureza.
Tem um sorriso bom, heroico, deslumbrante.
Lança-se-lhe um carvão e faz um diamante.
Irradia um dilúvio imenso de esplendor.
Atiramos-lhe um ventre e dá-nos uma fôr.
Sê robusto, viril, simples e verdadeiro.
Entre um dever qualquer e um saco de dinheiro
Opta pelo dever. Ainda mais, escuta:
Dum lado a infâmia e do outro o copo da cicuta,
Pega no copo e bebe. Um coração sereno
Nunca tem medo á morte; existe um só veneno
Para matar a alma: é o vício; apenas isto.
Habitua-te a ler a tentação de Cristo.
Quando uma lousa cai sobre um cadaver mudo,
Dizem: «tudo acabou...» E principia tudo.

Guerra Junqueiro.

Por especial deferencia do nosso amigo
Snr. Dr. Conselheiro José de Barros
e Sousa, dignissimo Juiz do Supremo
Tribunal de Justiça, temos a satisfação
de publicar o seu belo artigo:

A MORTE

A Morte não é motivo de terror mas — preludio de novas claridades —

A morte, não provocada, liberta-nos sempre porque só vem ao nosso encontro quando o corpo fisico se torna incapaz de servir ao nosso aperfeiçoamento, ou por ter já cumprido a missão para que nos foi dado, ou por dela se ter desviado irremediavelmente, e, assim, não há motivo para temores nem para lamentações. ¿Que perdemos nós com a morte?

Sem falar das nossas mortes *interiores*, psiquicas, que devemos sofrer para *transmudar* os defeitos em virtudes, todos os dias morrem células do nosso corpo, que são substituidas por outras, por fôrma que dentro de alguns anos — 7 ou 8, segundo alguns fisiologistas —

todas morreram, e foram substituidas, não nos tendo causado nenhum pesar estas mortes. Quando todas as células morrem ao mesmo tempo, abandonamos, definitivamente todo o corpo fisico, o que significa que nos libertamos da escravidão de o alimentar, e lavar e desonerar dos seus múltiplos excrementos, de o vestir e alojar convenientemente, e de o medicar e tratar para que se não reduza a uma asquerosa podridão, e ficarmos tendo um corpo *fluidico*, isento daquelas necessidades, muito mais vivo e activo e livre, movendo-se com pequeno esforço e com velocidades enormissimas, e trabalhando num mundo fluidico como êle, onde tudo tem mais vida e as paizagens mais beleza, onde há sêres melhores, amizades mais fieis, obras mais augustas. E de bom grado devemos restituir á terra êste corpo fisico, que deverá ser inumado na terra onde nasceu, ou melhor, onde se formou, e em envólucro fragil, para que paguemos a nossa divida ao planeta o mais prontamente possivel e em *moeda* mais perfeita — em particulas mais *evoluidas*, como devemos restituir, com a mesma resignação e agrado, aos gênios terrestres e cosmicos tudo que dêles recebemos para a vida que deixamos — para os nossos gostos, emoções e sentimentos pessoases, Nada perdemos, pois, com esta substituição do corpo fisico pelo fluidico e, ao contrario, tudo ganhamos, já por aquele se ter tornado incapaz de nos fazer progredir e ascender para a Perfeição e só o segundo ter esta capacidade, já por assim nos libertar das muitas necessidades que nos escravizavam; e envergonhado de tanto ter amado a nossa efêmera fôrma fisica, que em estêrco se ia transformando á maneira que iamcs morrendo, a Deus devemos agradecer a libertadora morte, que nos coloca em muito mais livres e agradaveis condições de vida.

Abandonar em tais circunstancias o corpo fisico não é perda nenhuma, repetimos, a não ser para aquele que julga não ser outra coisa senão êsse corpo, o qual, como o vicioso, e o criminoso, será então surpreendido com a vida *penosa* que vai ter enquanto se não arrepende e desejar emendar.

Mas, dir-se-ha: Os seres e objectos que neste mundo me rodeiam e que amo ou me são familiares, não os perco eu para sempre?

Não, porque nada disso *me pertence*, pertencendo tudo a Deus; e só vieram ao meu encontro para o meu adiantamento e para o dêles; sendo que as pessoas que amo com mais dedicação, foi Deus que para elas me atraiu, talvez anteriormente á vida actual, e, com certeza, para elas continuarei a ser atraído, tanto mais intimamente quanto mais me aperfeiçoar e elas tambem.

Nenhum mêdo, pois, pode inspirar a morte a quem tem esperanza e crê que a bondade do Pai não nos ia lançar sem defeza para um isolamento ou consternação imerecidos, quando o seu único cuidado é fornecer-nos todos os meios para vivermos, aprendermos e triunfarmos, aperfeiçoando-nos sempre. Sem a morte não teriamos a *ressurreição immediata* para a vida supra-terrena, nem a *ressurreição definitiva* para o reino de Deus, ou seja, para o Absoluto. A morte é uma transformação para um novo avanço.

Gasto o corpo fisico, é substituido por um novo instrumento de trabalho — de educação e aperfeiçoamento, sem que se perca coisa alguma das virtudes e poderes e saber conquistados, os quais para sempre

se radicaram na alma e mais se desenvolvem e aperfeçoam durante a vida extra-terrena, mais livre e mais interessante, para, em nova incarnação formarem a bagagem de virtudes e poderes *inalos* que orientam e determinam novo aperfeiçoamento. Na alternativa da vigilia e do sono temos a imagem desta alternativa da vida e da morte, pois todas as noites abandonamos, sem a menor angustia, o nosso corpo fisico para retornarmos a sua direcção ao acordar, tendo, em espirito e no corpo astral, trabalhado e tratado com Entidades do mundo astral, como os nossos defuntos bem amados, ainda que disso nos não lembremos ao despertar. O sono repara o esgotamento momentaneo das forças vitais: a morte; que é o gasto definitivo, normal ou prematuro e accidental, das mesmas forças vitais, traz-nos o repouso que separa duas incarnações, durante a qual fazemos provisões das forças *inatas* que depois havemos de utilizar.

A morte assim encarada perde todo o seu horror; e havemos de bemdize-la se nesta vida nos esforçarmos na reparação das nossas imperfeições e na preparação duma melhor orientação da vida futura, se o nosso ideal fôr a reforma e progresso pessoais e colectivos, se o móbil da nossa actividade fôr servir a Deus servindo a humanidade, se o nosso viver fôr para melhorar o viver dos outros; pois saindo desta existencia com este ideal, já sabemos que, mais proficuamente do que aqui, vamos no outro mundo, trabalhar na sua efectivação, e tanto melhor quanto mais fôr o nosso despreendimento de desejos terrenos, das cadeias da materia e da carne.

Devemos, pois, aguardar serenamente a morte, sem o desejar nem provocar; entregando nos confiadamente e por completo nas mãos do nosso Senhor, que nunca nos abandona e sempre nos põe nos lugares e condições mais favoráveis ao nosso aperfeiçoamento.

José de Barros e Souza

Alma popular

Os namorados na missa

*Os teus olhos me citaram
no adro, ao ir para a missa;
á saída me prendêram:
— São meirinhos da justiça.*

*Fui á missa, não a ouvi,
ergueu a Deus, não orei;
é que eu só via os teus olhos...
Ai, minh'alma, que pequeei!*

*Fui á missa, p'ra rezar,
vim em pecado mortal.
De sentido só em ti
não vi padre nem missal.*

*Fui á missa, nem benzer-me!
Minha mãe me resignou:
— Oh rapariga, o juizo
aonde é que te ficou?*

*Eu não o deixei na serra,
nem tão pouco no caminho;
trago-o todo, todo pôsto
nos olhos do meu bemzinho...*

*E tanta gente na igreja,
oh meu amor, te cubiça!
Mas tu não vês quem te vê,
nem quem te vê ouve missa...*

(Da Madeira)

ASSOCIAÇÃO DOS CONTABILISTAS E GUARDALIVROS DO NORTE DE PORTUGAL

VIDA ASSOCIATIVA

Obrigatoriedade dos comerciantes terem escrituração

A' comissão encarregada de fazer um estudo sobre qual seja o melhor modo de efectivar a obrigatoriedade dos comerciantes terem escrituração, foram apresentados varios projectos tendentes a esse fim pelos Snrs. Antonio Martins da Fonseca, Adelino Simões, Sebastião Mendes e Eduardo Marques.

Agencia de colocações

A comissão que está organisando esta agencia, roga aos prezados consocios o favor da sua cooperação, afim de poderem fazer um trabalho o mais perfeito possivel.

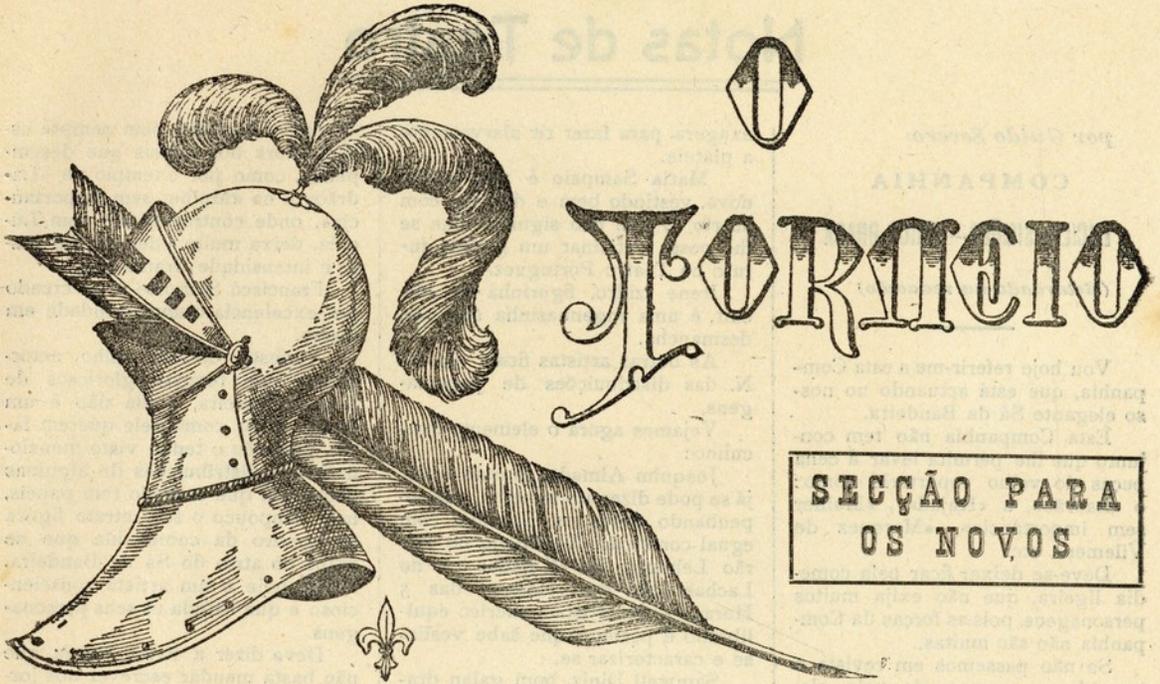
Biblioteca

A Imprensa Nacional teve a gentileza de oferecer á Biblioteca desta Colectividade o primoroso livro: «A' Memoria de Luiz Derouet».

Novos socios

Continua progredindo grandemente esta Associação.

De 15 de Dezembro a 8 de Janeiro foram propostos novos socios pelos Snrs.: Luiz Morais Pires, Raul A. Todi Gonçalves, Eduardo d'Oliveira Sidraes, Antonio S. Moreira Gandra, Manuel R. Fernandes, Antonio R. Fonseca, Luiz A. Leiros, José H. Garcia, Hauser Ferreira d'Oliveira, Humberto G. da Costa Torres, José Ferreira Subtil, Henrique P. de Souza Montelobo e Antonio F. Vieira Gaspar.



Ultimos clarões

Mulher, amada na morte,
Levo saudades de ti...

Camilo

Não chores anjo... não chores!...
O teu sofrer é divino,
Mulher, amada na morte,
Assim o quiz o destino.

Nas cathedraes do meu luto
Não te esqueci um momento
Meu viver curto foi duro,
Foi duro o meu sofrimento.

Neste meu peito já frio
Teu nome levo gravado...
Nas plagas d'alem tumba,
Crê, ha-de ser adorador

A luz foge-me... não ves?
Meu coração não palpita!...
Perdoa anjo... perdoa...
Assim o quiz a desdita.

Já sinto o laço da morte
Que me faz duro sofrer...
Mal sabes quanto me custa
Deixar assim de viver!...

Esfria-me o sangue no peito,
— Acerba a minha agonia! —
Dá-me o derradeiro sorriso,
Pomba da minha alegria.

Silencio!... olha... não ouves?
E' o sino que está a tanger!
Que triste é o seu badalar
Quando se sente morrer...

A minha face cavada,
Batida p'lo sofrimento,
Ha-de sorrir no alem
Fiel ao teu sentimento.

Não chores anjo... não chores!...
O teu sofrer é divino,
Mulher, amada na morte,
Assim o quiz o destino.

Carnicães. *Germano Augusto.*

Maria Angelina

Leitor, quando percorreres o Minho, quando passares em Font'arçado e perguntares onde viveu Maria da Fonte, ninguem poderá dizer-te: é ali.

Maria da Fonte é quasi um mito.

Quem era?

Uma aldeã verdadeiro tipo do Minho; meã de estatura, olhos meigos e vivos, faces carminadas queimadas pelo sol.

Nos seus requebros via-se que possuia uma força pouco vulgar, um génio átivo e empreendedor.

Creada na aldeia, Maria Angelina, pois assim se chamava a nossa heroína, tinha uma vida despreo-

cupada feliz e alegre. Quando no campo, a sua voz sã, erguia-se fresca e bela como a alvorada de uma manhã primaveril só deixando de se ouvir quando o sol desaparecia no horizonte e as estrelas começavam a scintilar no ceu azul.

Então, á luz da lua, era um quadro encantador vê-la sentada no degrau da escada junto á porta, falando com o eleito da sua alma.

Na face iluminada pela luz pàlida do luar lia-se o pensamento que lhe ia na alma, serena como as águas dum lago quando falavam do seu eterno amor, animada quando a conversa caía sobre a guerra que nessa época assolava Portugal.

— Ah! se eu fosse homem... —
E os olhos brilham-lhe de um modo estranho e as mãos fechavam se-lhe enquanto o seio lhe arfava mais apressadamente.

E nesta posição quedava-se tempo esqüecido até que Jorge a chamava á realidade.

— Então Maria, deixa esses loucos pensamentos e não estejas a entristecer-te...

— Mas que queres? tenho eu talvez culpa? Não sentes como eu ferver em teu peito o desejo de combater em favor da nossa causa?

Não achas que as fintas eram já bastante pesadas para o pobre do lavrador, que se mortifica no amanho da terra para sustento seu e de sua familia.

(Continua).

Notas de Teatro

por Guido Severo.

COMPANHIA

LUCILIA SIMÕES—ERICO BRAGA

(Retardado na redacção)

Vou hoje referir-me a esta Companhia, que está actuando no nosso elegante Sá da Bandeira.

Esta Companhia não tem conjunto que lhe permita levar á cena peças do velho repertorio como: o «Ladrão», a «Rajada», «Mulher sem importancia», «Marquez de Vilemer», etc.

Deve-se deixar ficar pela comedia ligeira, que não exija muitos personagens, pois as forças da Companhia não são muitas.

Se não passemos em revista o seu elenco, começando pelo elemento feminino.

Lucilia Simões não é uma artista generica como o é por exemplo Palmira Bastos; tem bons trabalhos em algumas peças, principalmente no teatro de Bernstein onde tem criações, mas o seu tic nervoso, que a leva a sacudidelas de ombros intempestivas, compromete-a por vezes, pois afecta-lhe sobremaneira a naturalidade exigida nalguns papeis.

Amelia Pereira, artista generica, que vi ha bons 25 anos trabalhar na Companhia José Ricardo, é uma actriz distinta e conscienciosa, adaptando-se tanto ao drama em que marca, como á comedia em que não

exagera, para fazer rir alarvemente a plateia.

Maria Sampaio é uma actriz nova, vestindo bem e dizendo com acerto o que não significa que se lhe possa vaticinar um grande futuro no Teatro Portuguez.

Irene Izidro, figurinha de biscuit, é uma ingenuasinha que não desmancha.

As outras artistas ficam nos N. N. das distribuições de personagens.

Vejamos agora o elemento masculino:

Joaquim Almada, grande actor, já se pode dizer afoitamente, desempenhando todos os papeis com igual correcção. Vejamo-lo no Barão Lebourg da «Rajada» ou no Lachambolle do «Homem das 5 Horas»; é um artista generico equilibrado e perfeito que sabe vestir-se e caracterizar se.

Samwell Diniz, bom galan dramatico, artista que diz muito bem e principalmente muito apumado na cena. Prefiro contudo vê-lo galanear a vê-lo em trabalhos comicos, em que não se desconcerta por modo algum; mas noto que onde ele se encontra mais á vontade, é no drama ou alta comedia.

Erico Braga, boa figura, vestindo muitissimo bem tanto no palco como fóra dele, tem o defeito de sêr muito enfatuado. Tem alguns bons trabalhos comicos e caricaturas, mas como galan dramatico é pouco natural e muito pretencioso.

Seixas Pereira é um actor de certos recursos, tendo bons trabalhos centraes comicos.

José Monteiro nem sempre está á altura dos papeis que desempenha, como por exemplo no «Ladrão» e na «Mulher sem Importancia», onde contracenando com Lucilia, deixa muito a desejar em gesto e intensidade dramatica.

Francisco Sampaio é um creador por excelencia e uma utilidade em teatro.

Augusto Conde, velho actor-cantor dos tempos gloriosos de Afonso Taveira, ainda não é um traste velho como dele querem fazer, pois não o tenho visto mencionado nas distribuições de algumas peças, em que contudo tem papeis, nem tampouco o seu retrato figura no quadro da companhia que se exhibe no atrio do Sá da Bandeira. Ainda hoje é um artista consciencioso e que estuda os seus personagens.

Devo dizer a Erico Braga que não basta mandar escrever nos jornaes que a sua Companhia é a primeira portugueza de declamação; é preciso tambem prova-lo, tornando-a mais homogenea e completa. Não devia ter deixado sair de lá dois bons elementos como eram Mario Santos e Dinah Stichini. Quem tem presentemente na sua troupe que possa substituir aquele actor no Volgerenter,, pae da Trude, das «Fogueiras de S. João»?

Aconselho o dito empresario a não dar ouvidos aos criticos encartados de camarim que, escondendo as mazelas, o lisongeiam, prestando-lhe desta forma um pessimo serviço e, o que é mais grave, á Arte Dramatica Nacional.

OFERTAS

Guarda-Livros com larga pratica de Escritura—ção comercial, dando as melhores referencias tanto da sua habilitação como do seu comportamento.

Carta a esta redacção a P. F.

ESTENOGRRAFIA

Em portuguez, inglês e francês.
Ensino facil e rápido, sistema optimo.
C. CRAVEIRO—R. da Picaria, 68—Porto.

CARPINTARIA E MARCENARIA MECANICAS

MOBILIARIO EM SERIE E ESTILISADO. DECORAÇÕES COMPLETAS

EMPRESA DO COMERCIO E INDUSTRIA DE MADEIRAS

TUDO O GENERO DE CARPINTARIAS FABRICADAS POR PROCESSOS MUITO ECONOMICOS E SOLIDOS

ORÇAMENTOS GRATIS

Escritorios e Fabrica—PRAIA da GRANJA—Portugal